

<https://eventos.utfpr.edu.br//sei/sei2019>

Apagamento histórico, silenciamento e representatividade feminina em pauta

Historical erasure, silencing and female representation on agenda

RESUMO

A participação e os feitos de diversas mulheres foram omitidos ao longo da história, levando-se a crer que as mesmas não foram relevantes para o desenvolvimento e construção social, encadeando um processo de apagamento histórico e silenciamento feminino. Processo este que deve ser pautado, debatido e questionado, em busca de uma melhor compreensão do mundo contemporâneo e quebra de paradigmas. O presente artigo traz reflexões em torno desse processo tomando como ponto de partida a realização de uma roda de conversa sobre o tema, proporcionada pelo projeto de extensão “Rodas de Conversas Feministas” da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Cornélio Procópio.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres - história. Papel social. Patriarcado.

ABSTRACT

The participation and deeds of various women have been omitted throughout history, leading to the belief that they were not relevant to social development, chaining a process of historical erasure and female silencing. This process should be guided, debated and questioned, seeking a better understanding of contemporary world and breaking paradigms. This article brings reflections about this process taking as its starting point the realization of conversation circle on the theme, provided by the extension project "Circle Feminist Conversations" of Federal Technological University of Paraná, Campus Cornélio Procópio.

KEYWORDS: Women - history. Social role. Patriarchate.

Emmanuely Antônia Brandão
emmanuelvb@alunos.utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Cornélio
Procópio, Paraná, Brasil

Daniele Costa Silva
danielesilva@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Cornélio
Procópio, Paraná, Brasil

Priscila Chaves da Silva
nameagabi@hotmail.com

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Cornélio
Procópio, Paraná, Brasil

Recebido: 19 ago. 2019.

Aprovado: 01 out. 2019.

Direito autoral: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE



5 IGUALDADE DE GÊNERO



10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES



INTRODUÇÃO

Em uma sociedade machista em que se é dado maior valor ao homem e aos papéis e funções ditas masculinas cria-se uma cultura de invisibilidade, inferiorização e submissão das mulheres (ARAÚJO; ETTINGER, 2017), que naturaliza que seus corpos podem ser violentados, uma não divisão sexual de tarefas domésticas, diferenças salariais, uma não liberdade reprodutiva, um não acesso destas à uma educação plena e igualitária, dentre outros fatores que negam a dignidade humana às mulheres.

A desconstrução dessa naturalização quanto ao que é ser mulher e qual o seu "lugar" na sociedade faz-se necessária a promoção de espaços para o diálogo acerca da temática. A partir desta necessidade cria-se o projeto de extensão "Rodas de Conversas Feministas", que desde de julho de 2018 se propõe a fomentar e orientar esse debate por meio de rodas de conversa estruturadas junto a estudantes, comunidade acadêmica e externa. E desse modo, promove no ambiente universitário a cultura do respeito aos direitos humanos e aos direitos das mulheres como parte fundamental da formação complementar dos estudantes e cria um espaço de reflexão para os cidadãos da comunidade externa.

Neste artigo, são expostas discussões, tomando como base a literatura e depoimento de participantes, relacionadas a uma dessas rodas de conversa, realizada em 26 de março de 2019 na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Cornélio Procópio (UTFPR-CP) sob o título "Mentes Femininas Revolucionárias", em que o objetivo era dialogar e discutir sobre o apagamento histórico, silenciamento e representatividade feminina.

O trabalho é composto de mais 5 seções, Metodologia em que é descrita o método utilizado no projeto, a roda de conversa, e protocolos adotados; Discussões na qual o debate em torno da roda de conversa é apresentado; e por fim, as Considerações Finais, Referências e Agradecimentos.

METODOLOGIA

A roda de conversa é um método alicerçado na pesquisa qualitativa, especificamente os princípios da pesquisa-ação, baseando-se no diálogo em um grupo comunitário específico. De acordo com Moura e Lima, consiste em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que

é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. (MOURA; LIMA, 2014, p. 101).

E desse modo, possibilita dialogar, debater e refletir sobre o machismo e suas consequências de forma coletiva. Além de propiciar o intercâmbio de diferentes vivências, visões de mundo, culturas e conhecimentos.

A roda de conversa “Mentes Femininas Revolucionárias”, bem como as demais rodas do projeto, ocorreu na UTFPR-CP de forma aberta a toda a comunidade interna e externa, com a presença de facilitadores, que são membros da equipe do projeto que introduziram e atuaram como mediadores do diálogo acerca da temática a ser debatida. Para tanto, é realizado previamente um processo de preparação destes facilitadores, que consiste na pesquisa sobre o assunto abordado em artigos, reportagens, vídeos, documentários dentre outros recursos de fontes científicas, oficiais e especializadas no assunto, e preparação de material educativo a ser utilizado na roda de conversa.

No decorrer da roda de conversa o protocolo adotado envolve a disposição das cadeiras em um formato para que todos os participantes fiquem frente a frente, propiciando visualização física entre os participantes e os mediadores da discussão, indicando um cenário favorável para o diálogo; apresentação do material educativo pelos facilitadores de forma a introduzir o assunto a ser debatido e por fim, a conversa em si, em que os participantes expõem e trocam suas opiniões, saberes e vivências sob a mediação dos facilitadores. Esse procedimento tem duração de em média 60 minutos.

Após a realização da roda a fim de mensurar o impacto da ação junto aos participantes é enviado aos mesmos um formulário eletrônico online, para que relatem suas experiências e percepções sobre a roda de conversa.

DISCUSSÕES

Ao longo da história houveram inúmeras mulheres que desempenharam papéis marcantes em suas respectivas sociedades e no seu tempo. Mulheres que ousaram desafiar a lógica machista de que são seres irracionais, criando arte, lutando guerras, fazendo ciência e/ou liderando movimentos sociais. Mulheres cujos feitos permeiam desde as áreas artísticas às ciências, precursoras de diversos movimentos, com grande participação social e que ainda assim tiveram muitos direitos negados, dentre eles o direito ao reconhecimento, tendo suas histórias e feitos apagados e silenciados com o tempo.

Na roda de conversa “Mentes Femininas Revolucionárias”, os facilitadores iniciaram a conversa apresentando brevemente a história de 12 destas mulheres, as quais são revolucionárias em suas respectivas áreas, a saber, Aída dos Santos, Annie Easley, Joana D’arc Félix, Juana Inés de La Cruz, Leonilda Daltro, Margareth Hamilton, Maria Anna Mozart, Maria Quitéria, Marie Curie, Marta Vieira da Silva, Papisa Joana e Silvana Lima. E a maioria destas eram desconhecidas para grande parte dos 26 participantes da roda, o que reforça a existência de um processo de apagamento e silenciamento feminino ao longo da história. Isso também é perceptível em um relato de um dos participantes da roda feito por meio do formulário online :

“[...] muitas das mulheres citadas na roda de discussão eu nunca tinha ouvido falar e ter esse momento de conversa foi uma forma de socializar a importância que elas tiveram em determinado tempo e que até agora não é reconhecido em todo lugar.”

Tal processo é fruto de uma sociedade patriarcal. Segundo Pinto e Braga (2015), o patriarcado é uma ideologia dominante em nossa sociedade, que propaga a supervalorização do homem em detrimento da mulher, o que perpetua o comportamento machista e misógino, promovendo a hierarquização dos sexos. Hierarquia esta ainda vista como expressão do “natural”. Natural, logo, não questionável, não problematizável, decorrente de “leis da natureza”, justificativa maior para a apropriação dos corpos e da produção do trabalho feminino (SWAIN, 2017). E em decorrência disso, são atribuídos diferentes papéis sociais a homens e mulheres, ou seja, uma construção histórica, cultural e social de gênero. De acordo com Meyer (2003), o conceito de gênero representa todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam homens de mulheres. Desse modo, não são exatamente as características sexuais que permitem identificar o que ou quem é masculino ou feminino, mas sim tudo aquilo que se associa aos sexos. Fazendo com que o gênero também seja uma forma de se estabelecer relações de poder conforme já apontado em Scott (1995). Transportando a hierarquização dos sexos para o conhecimento, história, trabalho e demais relações cotidianas, nas quais o poder, prestígio e controle social são associados à masculinidade. E para a manutenção desta estrutura de poder é interessante que haja uma invisibilização das mulheres, levando-se a crer que as mesmas não têm importância no processo de construção e desenvolvimento social.

Portanto, é essencial que esse processo de apagamento histórico e silenciamento feminino seja rompido de forma a criar novas representatividades sociais às mulheres. Representatividades que não estejam apenas associadas ao privado, ao doméstico, aos cuidados, enfim, representatividades que inspirem mulheres a infringir barreiras impostas socialmente, buscar novas possibilidades e práticas. O que é observável no seguinte trecho de um depoimento de um participante da roda documentado por meio do formulário online:

“É tão representativo conhecer estas histórias, inspira a continuar nossas batalhas diárias, precisamos de mais mulheres fazendo e sendo reconhecidas por suas histórias.”

Em outros trechos de relatos de participantes mulheres da roda de conversa ao serem indagadas, via formulário online, que se a representatividade feminina fosse mais ampla e significativa se isso traria impactos às suas vidas, pode-se notar a relevância dessas diferentes expressões do feminino:

“ Sim, talvez eu escolhesse outra profissão, talvez tivesse saído de casa antes, talvez meus ideais fossem totalmente diferentes.”

“[...] teria coragem de entrar para a política. Tenho receio pois os homens se incomodam com nossa presença e utilizam de meios machistas para nos rebaixar.”

“[...] porque eu me inspiro em minha mãe que foi guerreira e terminou o estudo (ensino médio) após ter criado três filhos trabalhar na roça debaixo de um sol escaldante e ainda ter força de vontade para enfrentar uma escola a noite mesmo tendo marido, casa, filhos, etc.... enfim tendo muitas obrigações impostas para fazer ela foi atrás de seu sonho que era terminar os estudos. Se apenas essa mulher já me deixa uma inspiração enorme imagina o que a representatividade feminina em todas as esferas iria fazer.”

Além disso, a ruptura com o apagamento histórico e silenciamento feminino juntamente a reflexão e estudo da história das mulheres e dos caminhos que estas traçaram é fundamental para se compreender a história geral e o mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de gênero assim como todo processo social, histórico e culturalmente construído estão suscetíveis a mudanças e questionamentos. Para tanto, é necessário que se crie espaços que provoque indagações, promova a reflexão em torno dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, qual o impactos destes na vida privada e coletiva de um indivíduo. E essa foi a proposta da roda de conversa “Mentes Femininas Revolucionárias”, ao pautar sobre o processo de apagamento histórico, silenciamento e representatividade feminina. Trazendo a tona importantes mulheres “esquecidas” ao longo da história, de modo a suscitar o debate do que há por trás desse “esquecimento” e, conseqüentemente, auxiliando na construção de novas representatividades sociais femininas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. S.; ETTINGER, V. M. T. Gênero e Direitos Humanos: Conquistas e Desafios. **Diké - Revista Jurídica do Curso de Direito da UESC**, p. 187-221, 2017.
- MEYER, E. D. **Gênero e Educação: teoria e política**. In: LOURO, L. G.; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V. S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.
- MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa (PB), v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014.

PINTO, L. A. ; BRAGA, A. E. L. M. Mulheres em luta por direitos: Rompendo com o patriarcado. **Revista Direito & Dialogicidade**, v. v.6, p. 57-67, 2015.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SWAIN, T. N. **Quem tem medo de Foucault? Feminismo e a destruição das evidências**. Brasília, 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró Reitoria de Relações Empresariais e Comunitárias da Universidade Tecnológica Federal do Paraná pelo fomento financeiro disponibilizado através de bolsa auxílio.